



INCLUSÃO DO PROGRAMA ESCOLA ATIVA E AS CLASSES MULTISSERIADAS: HISTÓRIA, ESTRATÉGIA E EMERGÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Autor (1); Lucas Carlos Martiniano de Almeida

Coautor (1); Marta Waleria Marques Medeiros

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA

lucascarlos830@gmail.com

marta_waleria@hotmail.com

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo conceituar dentro das políticas educacionais o que viria a ser o Programa Escola Ativa, com a problemática ligada as escolas multisseriadas. Os métodos utilizados na pesquisa partiram de referências bibliográficas e de dados da Web, reproduzindo-os de forma qualitativa. Visamos mostrar quais são as estratégias e planejamentos do programa, quais as dificuldades dos educadores no campo e o porquê da emergência deste programa para as escolas multisseriadas, principalmente, ampliar o conhecimento crítico de como isso se reflete em todo meio social. A pesquisa por fim, procura mostrar os obstáculos a serem vencidos e a necessidade emergente deste programa para a educação brasileira, e de que modo ela pode contribuir para a melhoria do ensino-aprendizagem na estrutura da educação.

Palavra-chave: Escola Ativa, Escolas Multisseriadas, Estratégia, Emergência.

INTRODUÇÃO

O Programa Escola Ativa (PEA) é um programa do Ministério da Educação (MEC), objetivando melhorar e auxiliar o Ensino-Aprendizagem nas escolas do Campo, atendendo ao modelo das classes multisseriadas. Surgida no Brasil em 1997, foi um movimento educacional influenciado pela Colômbia e o seu Programa Escuela Nueva. Em primeiro plano, o projeto metodológico de política pública se instalou no Nordeste gerando importantes mudanças no

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br



âmbito educacional, todavia através de pesquisas, análises e resultados mais aprofundados nos casos o projeto ampliou seus horizontes chegando a outras regiões, como: Norte, Centro Oeste e Sul.

As escolas multisseriadas por sua vez, desempenham um papel fundamental na incorporação de todos os cidadãos do campo, com a finalidade de possuírem uma educação de qualidade. Sua proposta concentra-se em inserir em uma mesma sala de aula, com um único professor, alunos de diferentes faixas etárias e de diferentes séries. Entretanto, conciliar essa heterogeneidade não é tarefa fácil, pois cada aluno possui necessidades na sua formação escolar. Sendo assim, professores e alunos enfrentam esses paradigmas, gerando na maioria das vezes a preocupação se realmente esses modelos pedagógicos são benéficos para a população rural.

Em continuação, há uma ótica voltada do urbano para o rural relacionando ao modo de vida da população. Desde o período colonial, no século XVI, existe uma visão elitista excludente, por exemplo, os negros e os menos abastados, que ficavam a margem da sociedade. Depois de series de fatores esse alvo passou a ser os camponeses, classificados como atrasados e inferiorizados em relação aos indivíduos das grandes cidades. Para combater isso, surgiu movimentos de lutas sociais que influenciaram na educação do Campo, reivindicando seus direitos como cidadãos brasileiros. Portanto, o Governo Federal, apostou na Escola Nova, também chamada de Escola Ativa, sendo ela a única política pública voltada a Escola do Campo.

Diante disso, existe a necessidade da construção do indivíduo, desejando a sua universalidade com o meio social, não só no Campo, mas também na Zona Urbana, o que significa expandir de forma prática o conhecimento com uma ação ativa e dinâmica do programa estudado. A criação de estratégias traz a ampliação do programa, que deve ocorrer por meio de planejamentos e compartilhamentos de saberes entre educadores, para produzir uma metodologia de ensino eficaz e apropriada. A Escola Ativa possui uma dinâmica de ensino-aprendizagem entre os docentes e discentes, objetivando mostrar o porquê do programa em um país de educação precária.

O Projeto Escola Ativa: Processo histórico, sua implementação e a sua problemática.

Marcada pelo fim do século XIX e início do século XX, o processo histórico do Projeto Escola Ativa sofreu diversas mudanças no âmbito da Política Educacional, esse movimento pioneiro surgiu na Europa. No ano de 1882 foi trazido por Rui Barbosa¹ para o Brasil. Em 1920, influenciado por John Dewey² um pedagogo pragmático. A Nova Escola também chamada de Escola Progressista, romperia com o sistema tradicional no método de ensino da época, com um cenário marcado por transformações sociais. Foi em 1930, que o movimento ganhou um maior caráter, alguns educadores brasileiros como: Fernando de Azevedo³, Lauro de Oliveira Lima⁴ e Anísio Teixeira⁵ participaram do movimento almejando a ampliação da educação para todos, para acompanhar as mudanças da época defende um ensino universal, igualitário, livre, laico e público, com a publicação em 1932, da obra **“Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”**. Entretanto, diante disso levantaram-se críticos que acusavam o novo modelo Escola Novista de ensino, afirmando que o movimento possibilitou a ausência de conteúdo tradicionais influenciando os alunos a se tornarem apenas espontâneos e racionais. Criticavam o que Diana Gonçalves Vidal⁷ enfatiza:

“A centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e a exaltação do ato de observar, de intuir, na construção do conhecimento do aluno.” (VIDAL, 2003, p. 497)

Em 1970, foi formulada uma proposta influenciada pela Colômbia, para a criação das classes multisseriadas. Com o aumento da Urbanização vigente na década de 70, o campo ficou à margem dos seus direitos, e necessitava de um projeto para ampliar e melhorar o trabalho do docente e promover a ampliação de conhecimentos para comunidade rural. Após 26 anos, no ano de 1996, um projeto do Ministério da Educação, o Projeto de Educação básica

¹ Rui Barbosa de Oliveira, nasceu 5 de novembro de 1849, morreu 1 de março de 1923 (73 anos); foi um jurista, advogado, político, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor e orador.

² John Dewey, nasceu 20 de outubro de 1859, morreu 1 de junho de 1952; formação Universidade de Vermont (1879), foi um filósofo, pedagogo e pedagogista norte-americano.

³ Fernando de Azevedo, nasceu 2 de abril de 1894, morreu 18 de setembro de 1974. Formação: Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1918), foi um professor, educador, crítico, ensaísta e sociólogo brasileiro.

⁴ Lauro de Oliveira Lima, nasceu 12 de abril de 1921, morreu 29 de janeiro de 2013, foi um pedagogo brasileiro, conhecido pela sua atuação política na educação e pelo desenvolvimento do Método Psicogenético, estruturado a partir da Epistemologia Genética de Jean Piaget.

⁵ Anísio Spínola Teixeira, nasceu 12 de julho de 1900, morreu março de 1971. Formação: Teachers College da Universidade de Columbia (1928–1929), foi um jurista, intelectual, educador e escritor brasileiro.

⁶ Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959 Fernando de Azevedo... [et al.]. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 122 p. – (Coleção Educadores) ISBN 978-85-7019-516-6 1. Educação – Brasil – História. I. Azevedo, Fernando de.

⁷ Diana Gonçalves Vidal, professora titular em História da Educação na Faculdade de Educação (USP) (2010). Desde 1996, exerce a coordenadoria do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE). É vice-diretora da Faculdade de Educação da USP (2014-2018).

para o Nordeste em união com o Banco Mundial que financiou o Projeto Escola Ativa em Classes multisseriadas e propuseram a adoção da proposta colombiana para as escolas brasileiras, o que foi designada de Escola Ativa.

Em 1997, o Governo Federal em conjunto com o Ministério da Educação (MEC) implementou através de políticas públicas o Programa Escola Ativa (PEA), com o objetivo de melhorar o ensino-aprendizagem dentro de classes multisseriadas situadas na Zona Rural brasileira. Segundo o Ministério de Educação:

“O programa Escola Ativa busca melhorar a qualidade do desempenho escolar em classes multisseriadas das escolas do campo. Entre as principais estratégias estão: implantar nas escolas recursos pedagógicos que estimulem a construção do conhecimento do aluno e capacitar professores.” (MEC, 2010)

No ano de 1999, o Projeto Nordeste foi substituído pelo Programa FUNDESCOLA (Programa Fundo de Fortalecimento da Escola), continuando com a mesma proposta anterior. Em 2007, a liderança passa a estar na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, a continuidade do projeto ganhou espaço com o passar dos anos. Para isso, foi de total importância as ações formuladas pelas diretrizes operacionais na educação nas escolas do campo.

O Programa Governamental analisado tem como intuito a diminuição de reprovações e o abandonos de alunos nas escolas, por isso foi criado um trabalho metodológico classificado como classes multisseriadas, essas classes possuem uma organização de ensino voltado para unir em um único espaço (sala de aula), alunos de várias series e idades diferentes do Ensino Fundamental. Antes o Campo era visto de maneira rudimentar e atrasada, com um papel apenas agroindustrial ligado a agricultura e a pecuária, agora a ótica é mudada. De acordo com o Censo escolar em 2008, são compreendidas 56,45% de escolas da Zona Rural enquadradas nas classes multisseriadas.

Vale ressaltar que, depois de grandes lutas para melhores condições de vida, o meio social mudou, e com ele houve a valorização da cultura, economia e política, interferindo também no cenário da Educação. As regiões de grande implementação do programa estão localizadas no Nordeste, Norte e no Centro-Oeste, são áreas necessitadas de melhores condições de ensino para a população, por possuírem uma baixa densidade demográfica e baixa escolaridade, a maioria localizada no meio rural.

As Escolas do Campo são as escolas localizadas nas zonas rurais, nelas se encontram as classes multisseriadas ajudadas pelo Projeto Escola Ativa (PEA), que avançou nas suas conquistas e ultrapassou territórios desejando o desenvolvimento rural, pois além de transmitir uma educação igualitária ao meio urbano, respeitava e ensina sobre a identidade local. Entretanto, esta realidade não foi encontrada em grande parte dessas escolas, ao contrário grande obstáculos surgiram se mostrando antagônicos aos desejos da Leis de Diretrizes e Base da Educação (LDBEN).

Em primeiro plano, é importante entender quais os fatores que influenciaram da implementação do projeto. O primeiro fator encontram-se na baixa densidade demográfica na Zona Rural, gerando o menor número de alunos, conseqüentemente, poucas matrículas nas escolas. O outro fator está relacionado ao modo de vida no Campo e as dificuldades de locomoção do campo para a cidade. Diante desses fatores ligados aos discentes, encontra-se também outras problemáticas referentes a transmissão e na recepção dos conteúdos diversificados, em que na maioria das vezes os resultados não são satisfatórios, promovendo ao cidadão do Campo uma escolarização precária.

Em segundo plano, a perspectiva volta-se para o docente, pois há uma grande carência profissional nesse território para suprir as necessidades do ensino-aprendizagem na sala de aula. “Dados do (MEC) Ministério da Educação afirma que em 2010 o número de docente que leciona o Ensino Fundamental e no Ensino Médio das escolas da Zona Rural, nem possuem a formação mínima estabelecida pela legislação, dados mostram que 49,9 % não são licenciados”⁸, tornando deficitária a formação escolar dos alunos do Campo. Vale salientar, que as estruturas político-social utilizam-se do clientelismo partidário e acabam contratando professores leigos, gerando em uma grande falta de educadores especializados nas áreas de atuação pedagógica. Sobre essa premissa pode-se citar:

“A extrema fragilidade desta categoria profissional decorre, em grande parte, da estrutura político-social profundamente clientelista das administrações municipais no interior do estado. O exercício do poder político, visto fundamentalmente como uma troca de favores pessoais, faz das nomeações para o exercício do magistério um joguete onde as vantagens eleitoreiras sempre entram em linha de conta.” (TESSER, 1992, p.161)

⁸ Fonte: Censo Escolar 2010. Elaborado pelo Todos Pela Educação. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpc/22215/metade-dos-professores-que-lecionam-na-zona-rural-nao-tem-formacao-adequada>

Tendo em vista os fatos analisados, há outros fatores administrativos que contribuem para uma formação mal estruturada, como: a má distribuição de verbas, que afeta diretamente na falta de materiais didáticos, pouco acervo nas bibliotecas e pouca infraestrutura. Por consequência disso, os professores que lecionam nessas classes multisseriadas encontram barreiras e dificuldades em repassar as informações para cada aluno, por causa dessa problemática eles dividem o tempo e o ambiente escolar. Exemplos disso: um único professor, divide metade da sala para cada série, a louça é dividida em 2 partes para cada níveis de ensino, visando repassar os conteúdos específicos em uma turma de series diferentes.

Fica claro que o atendimento individual mal acontece e quando acontece este acaba atrapalhando o pouco tempo de aula oferecido. Podemos citar também a falta de apoio pedagógico e de professores qualificados.

Por fim, essa transmissão do conhecimento acaba se tornando uníssono dentro de uma perspectiva de alunos heterogêneos que requererem particularidades no seu desenvolvimento escolar.

Microcentros: A estratégia do Programa, devir e métodos.

O Programa da Escolas Ativa, com toda sua problemática e dificuldades com a classe multisseriadas, promoveu a existência de estratégias. Uma dessas estratégias seria os Microcentros, um planejamento do Programa Escola Ativa, para eventualizar o encontro dos educadores e outros profissionais que compõe o programa, com a finalidade de estudarem e teorizarem suas experiências.

O planejamento, é uma oportunidade para os envolvidos constituírem novas formas de conhecimento, e como as executarem de forma ordenada. Cada município organizará os Microcentros, mensalmente, em conjunto com os educadores de sua rede, resultando na universalização entre municípios para um intercâmbio de conhecimento e experiências entre educadores, que serão transportados para seus respectivos ambientes. A revista do projeto base, de Escola Ativa, traz como se deve ser feito e planejada esta estratégia.

“A organização de um Microcentro deve:

- pressupor a escolha de um tema para estudo que seja de interesse e escolhido após identificação de uma necessidade pedagógica, senão de todos, pelo menos da maioria dos educadores;



- definir da estratégia metodológica a ser utilizada que possibilite a participação de todos os envolvidos e sua interação;
- garantir as condições para a efetividade dos objetivos do planejamento claramente traçados;
- considerar a organização do espaço, dos recursos humanos e materiais;
- assegurar que, caso haja palestrante, suas concepções sejam coerentes com as concepções da Educação do Campo e do Programa Escola Ativa;
- oportunizar momentos de socialização das experiências da prática docente e de busca conjunta de soluções para as dificuldades detectadas;
- prever o momento de avaliação com o grupo de educadores quanto ao aproveitamento do encontro.”

(Projeto base / – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2010, p. 43)

O Município deverá organizar os Microcentros, garantido a formação continuada dos educadores para que possam se qualificar e garantir a melhor qualidade didática a princípio e efetuando as atividades, na metodologia exigida pelo Programa, com o acompanhamento, monitoramento e avaliação do Programa no âmbito local.

O Programa Escola Ativa, vem trazer a valorização da experiência extraescolares, aponta-se para as interdisciplinaridades dos conteúdos e das relações dos conhecimentos e experiências diárias que os estudantes trazem da sua comunidade, influenciando nos conteúdos da aprendizagem escolar. E com isso os educadores devem entender seu meio social, para construir essa interligação com as multiplicidades da sociedade.

“Ora, trata-se, aí, da prática social tal como se dá na sociedade contemporânea. Dizer, então, que o professor, para atuar eficazmente junto aos alunos deve ter uma compreensão sintética da prática social significa dizer que ele deverá ter uma compreensão articulada das múltiplas determinações que caracterizam a sociedade atual.” (SAVIANI. 2016, p.21)

Utilizando das estratégias dos Microcentros, os educadores têm como função unir esses polos, para construir um conhecimento mais aberto e consolidado entre as práticas dos indivíduos, diante o conhecimento adquirido na instituição de ensino, trazendo assim, resultados para a sociedade.

Devido à dificuldade do trabalho com multissérie, o Programa Escola Ativa procura apoiar o educador ao lidar com diferentes graus de desenvolvimento mental e ritmos de aprendizagens, oferecendo ajuda para as atividades se desenvolverem, para isso é necessário o recebimento de recursos para os melhores resultados. No Campo, o Programa Escola Ativa tem como objetivo desenvolver condições para o trabalho com as diferenças regionais, com o propósito de quebrar o tabu sobre a visão tradicional e preconceituosa do espaço rural. Isso

criará também uma universalização do aluno do campo com a cidade, objetivando que sua origem não interfira em como ele poderá viver socialmente entre zona urbana e rural.

Essa estratégia é a mais utilizada, mas sua efetivação estará na ação do método aplicado, principalmente nas classes multisseriadas que terá a dificuldade em relação ao ambiente que comporta alunos de idades e níveis de escolaridades diferentes permeando o mesmo espaço da sala de aula. Esse local é onde o educador deve observar a prática do seu método, utilizando-se das estratégias do programa.

A emergência da Educação do campo

Vemos como as mudanças simplesmente não acontece, mas se dá partir de uma construção dos indivíduos entre si. Essa concepção é o que podemos denominar de processo no qual o indivíduo é sujeito do desenvolvimento. A Escola Ativa, é encontrada nessa possibilidade do indivíduo em exercer o seu desenvolvimento, estimulando a ação física do alunados com os professores, para expandir o conhecimento de forma pedagógica e a fins de um desenvolvimento humano. O indivíduo explora suas limitações de liberdade diante os elementos (os pais, cuidadores, irmãos, parentes, amigos, professores, etc...), da sociedade em seu torno.

Como notamos o programa traz está emergência, de foco a princípio nas classes multisseriadas com o maior desafio do programa de reconhecer a realidade do campo e do seu cotidiano. É nessa perspectiva, que os povos do campo demandam de boas escolas, preparando não apenas para a vida na cidade, mas que reconheça as distintas formas de existência, de manifestações da vida e de relações sociais e com a natureza, e, não apenas, levando esse desenvolvimento próprio, como para trazer contribuições para o meio social.

O programa contribuiu mostrando-se necessário para uma construção social mais saudável de aprendizagem, evidenciando as possibilidades do aluno de se empenhar melhor, o caderno de desenvolvimento humano pela PNUD⁹, discute a necessidade do programa:

“Se considerarmos a noção de uma escola que promova um estilo de vida ativo, vemos que a escola que é Escola Ativa torna-se um contexto rico para o Desenvolvimento Humano tendo como eixo (não exclusivo) as atividades físicas e esportivas. O debate em torno das Escolas Ativas envolve algumas polêmicas que tem ocupado o centro das discussões no campo da educação há mais de um século. Uma delas, senão a principal, remete ao conceito de educação integral na escola,

⁹ O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento é o órgão da Organização das Nações Unidas que tem por mandato promover o desenvolvimento e erradicar a pobreza no mundo.

mas a dicotomia mente-corpo tão presente no pensamento ocidental fez com que o corpo fosse marginalizado na escola, e com isso as atividades físicas e esportivas se tornassem meros adereços no ambiente escolar. Como se fossem algo que traz alegria ou paixão, mas nunca conhecimento para a criança e o jovem. Esse é um dos motivos pelos quais, ainda hoje, a ideia de uma Escola Ativa esbarra no pensamento obtuso de alguns pedagogos e gestores de educação que veem no corpo uma máquina, ainda que intrincada, para transportar mentes.” (PNUD. 2016, p.25)

Para a Educação do Campo que possuem as escolas multisseriadas, o programa escolar desenvolve o respeito, à diversidade local e a expansão crítica em direção à cultura universal. O Programa se propõe à tarefa de aprofundar melhores condições para o desenvolvimento das escolas dos campos e para o fortalecimento da experiência escolar, estimulando a conquista das coletividades e o compromisso com a vida escolar, com a comunidade e com o país.

As atividades tanto extraescolares, ou obrigatórias pelo curriculum, podem e devem ser revista, e o Programa traz esta emergência, e destaca sua necessidade. As escolas têm que estar em movimento, esse é o centro da ideologia do programa, movimento esse, que é do físico ao mental, desenvolvendo a capacidade dos estudantes.

Sabemos que existe uma “construção preconceituosa” sobre a educação do campo, sempre a deixada de lado e por interesses de muitos, ser levada a extinção. “A Educação do Campo não fica apenas na denúncia do silenciamento, ela busca o que há de mais perverso nesse esquecimento: o direito à educação que vem sendo negado à população trabalhadora do campo.”

Existe toda uma construção política, para os empecilhos/dificuldades para os educadores e alunos do campo. Algumas atividades de projetos como o da Escola Ativa, consegue mesmo com todas as dificuldades, quebrar os estereótipos sobre essa educação rural. E de certa forma trazer resultados e mostrar o porquê da necessidade do programa e desta área da educação.

A educação do campo é uma conquista social dos movimentos sociais do campo, e tem sua fundamental importância para a construção desta nossa sociedade e Saviani enfatiza;

Em suma, a pedagogia histórico-crítica dispõe-se a participar e contribuir nessa forte mobilização para assegurar uma educação sintonizada teórica e praticamente com o novo papel que cabe ao campo desempenhar na luta pela construção de uma sociedade que supere a divisão em classes por meio da socialização de todos os meios de produção e das forças produtivas em benefício da humanidade em seu conjunto. Uma educação, em suma, que torne acessíveis aos trabalhadores do campo os conhecimentos produzidos pela humanidade permitindo-lhes, assim, incorporar em sua atividade os avanços tecnológicos sem o que não será viável o tão almejado desenvolvimento sustentável. (SAVIANI. 2016, p.42)

A sociedade brasileira, sente carência de uma forma de ensino mais dinâmica, assim poderíamos dizer, com a ação do projeto, faz este estímulo acontecer. As escolas antes do programa, viviam em dois pontos, o preconceito sobre as escolas multisseriadas, e a inércia das cidades, conteúdos inócuos e sem ação. Logo não se ocorre um estímulo, o Programa ainda vem se consolidando, com muitas dificuldades, entretanto é bem ativo levando em consideração a política que rege o país, logo, lembraremos que em quase toda forma de governo a educação nunca será isenta. Com isso podemos ver que qualquer resultado, dentro não só deste programa como em outros, se torna reconhecível para a realidade educacional do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação brasileira em todo seu processo histórico, desde seus primórdios, vive uma grande dificuldade em se estruturar sem ser atingida pelos interesses políticos. Com o Programa da Escola Ativa, não foi diferente, seus empecilhos aconteceram. E além desta dificuldade, os educadores teriam outra batalha pela frente, que seria na própria sala de aula.

Assim se enxerga que a dificuldade veio não por natureza, antes por falta de atenção dos governos antecessores ao projeto, não que isso justifique que o programa não sofra ainda nenhuma dificuldade. O desafio para os educadores diminuir esta heterogeneidade que se existe em salas com umas vastas multiplicidades de séries e de idades, não se tornaria fácil.

Mais com o Programa, ele não só conseguiu reduzir este problema, como aperfeiçoar e aumentar as experiências dos educadores de forma pedagógica, utilizando diálogos entre si e outros membros que formam esta instituição educadora do país, assim puderam aperfeiçoar seus métodos. Com isso, eles se universalizam, e passam para os estudantes de forma ativa o ensino-aprendizagem, de forma dinâmica e com movimento as práticas pedagógicas.

Se torna uma emergência deste Programa, contribuir para uma estimulação entre professores e estudantes, em que ambos poderão adquirir experiências e repassá-las em conjunto. O estudante do campo, será preparado para viver, não só no campo, mas será estruturado também para conviver nas zonas urbanas, não esquecendo sua regionalidade. Pensar numa Educação do Campo significa ouvir e entender a cultura, a dinâmica social e educativa dos diferentes grupos que formam o povo camponês. Assim trazendo este modelo

de sociedade universalizadas, com troca de conhecimento, experiência, que estimulará os movimentos físicos, contribuindo para o intelecto, que resultará para uma construção de uma melhor sociedade.

A pesquisa trouxe resultados satisfatórios, de forma avaliativa e pessoal, fazendo-nos adquirir conhecimentos sobre o assunto tratado, despertando também a busca sobre o tema, podendo ser aplicado o Programa em uma futura docência, método que ainda é válido. Por fim, trazemos com essa coleta de informações e dados, uma satisfação pessoal de conhecimento por parte dos integrantes da pesquisa, objetivando o despertar do leitor sobre a educação brasileira, de especial a educação campesina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDI. Luci, PELINSON. Nadia, SANTIN. Rosemeri. **O Desafio de ser professor na Escola Do Campo: O Contexto Da Casa Familiar Rural Santo Agostinho**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p. 120 - 142, jul./dez.2014

MEC. **Censo Escolar 2010**. Elaborado pelo Todos Pela Educação. **Disponível em:** <<http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/22215/metade-dos-professores-que-lem-na-zona-rural-nao-tem-formacao-adequada> > **Acesso em:** 01/06/2018

PNUD, INEP. **Caderno de Desenvolvimento Humano sobre Escolas Ativas no Brasil: 2016 – Brasília, 2016**. 68 p. ISBN: 978-85-88201-33-0

Projeto base. **Escola Ativa – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010**. ISBN: 978-85-7994-018-7

SAVIANI. Dermeval, **Pedagogia histórico-crítica e educação no campo: história, desafios e perspectivas atuais**. São Carlos: Pedro & João Editores e Navegando, 2016. 305p. ISBN: 978-85-92592-08-0

TESSER, Ozir et alii. **Avaliação de programas de formação da professora “leiga” no Ceará**. In: THERRIEN, Jacques et alii. **Educação e escola no campo**. Campinas: Papirus, 1993.